

## Das Observações Filosóficas à Unidade da Ciência

David Stern

Universidade de Iowa

david-stern@uiowa.edu

**resumo** No verão de 1932, Wittgenstein alegou que o artigo recentemente publicado por Carnap “Linguagem Física como Linguagem Universal da Ciência” fez uso extensivo e sem menções das idéias do próprio Wittgenstein. Em uma carta a Schlick, ele se queixou que “em breve estaria em uma situação na qual seu próprio trabalho seria considerado meramente como uma versão requeitada ou plágio do de Carnap”. Neste artigo, examino a relação entre o artigo de Carnap, posteriormente reimpresso como *A Unidade da Ciência*, e o tratamento dispensado por Wittgenstein, nos primeiros sete capítulos das *Observações Filosóficas* e outros escritos entre 1929-1932, a assuntos relacionados.

**palavras-chave** fisicalismo; Wittgenstein; Carnap; Prioritätstreit; linguagem fenomenal; linguagem física

### 1. Introdução: a “interpretação padrão” e suas limitações<sup>1</sup>

As *Observações Filosóficas*, reunidas na primavera de 1930, são a primeira coleção sinóptica e arranjo de material que Wittgenstein produziu a partir dos seus volumes de manuscritos durante a década de 1930. Embora seja provável que tenham sido reunidas apenas com o intuito de prover Russell com material que ele pudesse examinar a fim de escrever um parecer acadêmico para uma bolsa de estudos, elas oferecem uma visão adequada do trabalho de Wittgenstein durante aproximadamente o primeiro ano de escrita pós-*Tractatus*. Pode-se esboçar um caminho que leva do capítulo inicial das *Observações Filosóficas*, através do tratamento

Recebido em 12 de junho de 2008. Aceito em 18 de setembro de 2008.

Tradução: Guilherme Ghizoni.

doisPontos, Curitiba, São Carlos, vol. 6, n. 1, p.63-95, abril, 2009

desses tópicos no *Big Typescript*, no *Livro Azul* e no *Livro Marrom*, até o material que conhecemos agora como *Early Investigations*, escrito por volta de 1937.

Por mais que seja possível discutir o alcance e o significado das semelhanças e diferenças entre todos esses textos, não há dúvida de que as *Observações Filosóficas* tratam de muitos dos temas que preocuparão Wittgenstein durante a década seguinte. Retrospectivamente, podemos vê-las como o primeiro passo em um processo de revisão e rearranjo que acabaria por resultar na produção da Parte I das *Investigações Filosóficas*. No entanto, há ao mesmo tempo uma considerável distância que separa os dois textos. Parte da dificuldade em avaliar a natureza da distância provém do fato de que as *Observações Filosóficas*, assim como o *Big Typescript*, são um trabalho de transição, em que uma grande variedade de diferentes idéias são exploradas de modo altamente provisório. Visto à distância, é fácil lermos as *Observações filosóficas* como determinando uma posição bem mais acabada e coerente do que o texto em questão efetivamente permite, pois dificilmente podemos nos abster de lê-las como antecipando ou esboçando posições que, desde então, tornaram-se familiares. É excessivamente fácil ler esses livros como antecipando as posições conhecidas que são comumente atribuídas às *Investigações Filosóficas*. Por essa razão devemos interpretar as *Observações Filosóficas* não apenas por meio da tradicional estratégia filosófica de identificar as primeiras formulações das visões que reconhecemos a partir do trabalho posterior, mas também através da identificação de impulsos conflitantes e freqüentemente contraditórios presentes nos escritos de Wittgenstein, no início da década de 1930.

Em particular, além da genealogia padrão dos subseqüentes datiloscritos do período acima delineado, devemos também considerar textos em que Wittgenstein reagiu contra interpretações de seu trabalho que considerava enganosas ou equivocadas. Ao passo que a inserção do “Prefácio” na publicação das *Observações Filosóficas* constitui um artifício editorial, o “Esboço para um Prefácio”, escrito em novembro de 1930, do qual foi extraído, proporciona uma reveladora descrição do espírito no qual Wittgenstein escrevia à época. Pode ser lido como uma resposta ao manifesto do Círculo de Viena em defesa de sua filosofia científica, publicado em 1929, no qual Wittgenstein, juntamente com Russell e Einstein,

foi citado como uma grande influência no trabalho deles. Wittgenstein caracterizou aquele espírito como uma procura da clareza por si mesma, e contrastou-o nitidamente com o espírito da “civilização do progresso” no qual vivemos.

As concepções de Wittgenstein estavam constantemente mudando e se desenvolvendo durante esses anos e, com a possível exceção de Waismann, a maioria de seus interlocutores estava primeiramente interessada em fazer uso de suas idéias para os seus próprios trabalhos. Cada uma dessas idéias assume uma grande variedade de formas e formulações diferentes nas mãos dos personagens que tomaram parte nessa discussão. Por exemplo, em suas conversas com os membros do Círculo de Viena no fim dos anos vinte, Wittgenstein introduziu a noção de um princípio de verificação: a idéia, *grosso modo*, de que o sentido de uma afirmação empírica consiste naquilo que confirmaria ou proveria evidência para aquela afirmação. Em suas memórias, Carnap fala do “princípio da verificabilidade de Wittgenstein” (Carnap in SCHILPP, 1963, p. 45); em 1930, Moore e Waismann apontam Wittgenstein como dizendo que “a essência de uma proposição é o modo pelo qual ela é verificada” (Moore, in WITTGENSTEIN, 1993, p. 59; WAISMANN, 1967/1979, p. 79), e desenvolvimentos subseqüentes dessa concepção podem ser encontrados nas *Observações Filosóficas*<sup>2</sup>, do mesmo período. Posteriormente, Wittgenstein viria a dizer que questões acerca da verificação são apenas um modo de falar sobre como as palavras são usadas (ver, p. ex., WITTGENSTEIN, 1953, I §353), mas seus pronunciamentos anteriores são bem mais dogmáticos.

As copiosas e cuidadosamente datadas anotações que Waismann fez dos seus encontros, os manuscritos baseados em seu trabalho com Wittgenstein, e o livro que ele acabou por escrever com base nessas colaborações dão-nos um registro detalhado dos vários estágios do relacionamento entre eles<sup>3</sup>. O material inicial, uma compilação sistemática das idéias de Wittgenstein, provavelmente serviu de base para as exposições regulares de Waismann acerca das concepções de Wittgenstein nos encontros do Círculo de Viena, exposições que, nos é dito, foram precedidas por uma cláusula de descomprometimento: “eu irei narrar a você os últimos desenvolvimentos no pensamento de Wittgenstein, mas Wittgenstein rejeita qualquer responsabilidade por minhas formulações. Por favor, notem isso”<sup>4</sup>.

O trabalho de Waismann no livro pode ser dividido em várias fases distintas. Durante a primeira fase, do final dos anos vinte até 1931, ele planejava escrever uma abrangente introdução à filosofia de Wittgenstein, incorporando as principais idéias do *Tractatus* e o trabalho mais recente de Wittgenstein numa exposição sistemática. Em 1930, o planejado volume, *Lógica, Linguagem, Filosofia*, foi noticiado na *Erkenntnis*, como o primeiro volume de uma série de livros expondo as visões do Círculo de Viena. Contudo, Wittgenstein tornou-se cada vez mais descontente com o plano, escrevendo para Schlick, em 20 de novembro de 1931, que ele estava “convencido de que Waismann apresentaria *muitas* coisas em uma forma *completamente* diferente da que considero ser correta”<sup>5</sup>. As coisas chegaram ao seu ápice em 9 de dezembro, quando Wittgenstein encontrou-se com Waismann para discutir as “Teses”, um sumário da interpretação por Waismann de sua filosofia<sup>6</sup>.

De modo característico, Wittgenstein repudiou não apenas os detalhes da exposição de Waismann, mas até mesmo o título, insistindo que nada em sua filosofia consistia na formulação de teses (WAISMANN, 1967/1979, p. 183). É essa discordância ou equívoco fundamental que se tornou o maior obstáculo à tentativa de Wittgenstein de colaborar com Waismann em uma exposição sistemática de suas idéias, mesmo se tratando apenas de reescrever o que Wittgenstein disse (WAISMANN, 1967), ou de organizar o que Wittgenstein ditou a Waismann (WITTGENSTEIN – WAISMANN, 2003), pois isto ainda fracassava em capturar o ponto que Wittgenstein estava tentando expressar com estas idéias.

Wittgenstein criticou tanto o *Tractatus* quanto as “Teses” por seu “dogmatismo”: eles afirmam que a análise lógica da linguagem ordinária em proposições elementares é possível, mas não a levam a cabo<sup>7</sup>. Ao invés de conceber a filosofia como a busca por uma análise da linguagem, Wittgenstein agora a caracterizava como o esclarecimento de nossa apreensão corriqueira da linguagem, em termos que antecipam algumas de suas famosas afirmações posteriores sobre a natureza da filosofia<sup>8</sup>, e a conectava com o método recomendado no fim do *Tractatus*:

No que diz respeito a suas Teses, uma vez escrevi que, se houvessem teses em filosofia, elas seriam tais que não dariam ensejo a disputas.

Pois elas precisariam ser postas de tal modo que todos diriam: Oh, sim, isso é sem dúvida óbvio... Eu uma vez escrevi que o único método

correto de se fazer filosofia consiste em nada dizer e deixar outra pessoa fazer uma afirmação<sup>9</sup>. Esse é o método que eu agora adoto [WAISMANN, 1967/1979, p. 183-4].

A fim de dar sentido a uma declaração como esta, precisamos prestar atenção não apenas ao que Wittgenstein escreveu, mas também à sua constante resposta negativa às tentativas de outros fazerem uso de suas idéias.

A natureza precisa da relação de Wittgenstein com o Círculo de Viena tem sido amplamente debatida, e há profundas discordâncias sobre os pontos fortes e fracos das diferentes posições atribuídas aos principais protagonistas. Entretanto, há um amplo consenso sobre o caráter geral do confronto: o primeiro Wittgenstein foi uma poderosa influência nos fundadores do empirismo lógico, e o Wittgenstein tardio um de seus principais oponentes. Em outras palavras, o “comentário padrão” da relação de Wittgenstein com o Círculo de Viena é que o primeiro Wittgenstein foi uma fonte principal de inspiração para a formulação, pelo Círculo, de sua filosofia positivista e científica, ao passo que o Wittgenstein tardio opôs-se profundamente ao projeto empirista lógico de articular uma “concepção científica de mundo”<sup>10</sup>.

Entretanto, esse resumo telegráfico de uma complexa e intrincada relação é, no melhor dos casos, apenas meia-verdade e, no pior, profundamente enganador. Pois redundava em um modelo demasiadamente simplificado, que nos impede de apreciar a fluidez e o caráter multiforme dos diálogos filosóficos que tiveram lugar naquela época, não só entre Wittgenstein e os vários membros do Círculo de Viena, mas também entre os próprios empiristas lógicos sobre o valor da contribuição de Wittgenstein. Ademais, a própria visão de Wittgenstein mudava de maneira rápida e freqüente durante os anos vinte e trinta. Muitos dos participantes dessas discussões deram expressão a uma grande gama de concepções diferentes; tiradas do contexto, suas formulações dessas concepções podem facilmente parecer a um leitor contemporâneo como claras antecipações de posições que são agora itens consagrados da terminologia filosófica, como fisicalismo, verificacionismo ou uma teoria do sentido como uso. Todavia, naquele tempo essas posições não haviam sido articuladas com um grau de clareza minimamente semelhante ao que nós agora damos como garantido. Ao identificarmos retrospectivamente e atribuímos posições, linhas de

influência e eixos de desacordo claramente delimitados a Wittgenstein e seus interlocutores em Cambridge e Viena, é muito fácil projetarmos nosso entendimento atual de uma terminologia que nos é familiar, assim como as distinções a ela associadas, em um período no qual esses termos eram usados de maneira muito mais livre.

Uma considerável distância separa a discussão contemporânea sobre o fisicalismo do uso que esse termo teve no início dos anos trinta, apesar das similaridades terminológicas. Embora haja um consenso geral acerca do fato de que o fisicalismo exige que todas as linguagens com significado sejam tradutíveis em uma linguagem física, há amplo espaço para discordância, tanto sobre o que faz uma linguagem ser adequadamente física quanto sobre o que conta como uma tradução, ou redução de uma linguagem a outra<sup>11</sup>. Ao passo que o artigo de Carnap era muito mais argumentativo que o trabalho prévio de Neurath sobre o assunto, havia poucas análises detalhadas da relação entre sentenças protocolares e linguagem física. De fato, em certo ponto de seu artigo Carnap diz que “*pseudo-questões são automaticamente eliminadas*” (CARNAP, 1934, p. 83; 1932, p. 456, itálicos no original) por meio do uso do “modo formal” de discurso. Isto é um resumo conciso de uma abordagem de inspiração tractariana, qual seja, a de dissolver questões filosóficas por meio do esclarecimento da sintaxe, em contraste com a visão tardia de Carnap, também apresentada no mesmo artigo, que soluciona os problemas filosóficos por meio de uma análise da sintaxe e da semântica relevantes. Em outras palavras, o “comentário padrão” não é apenas excessivamente simples para poder fazer justiça aos fenômenos históricos; ele é também anacrônico<sup>12</sup>.

O material primário publicado documentando os encontros, discussões e correspondências desse período agora nos proporciona uma quantidade considerável de informação sobre os contatos de Wittgenstein com os primeiros empiristas lógicos; nos últimos vinte anos temos visto um crescimento notável em detalhe e sofisticação da literatura filosófica e histórica sobre esse período<sup>13</sup>. Entretanto, muito pouco desse conhecimento alcançou uma audiência para além do relativamente pequeno círculo de especialistas sobre o início da filosofia analítica e a história da filosofia da ciência do início do século XX. Pelo fato de grande parte dos estudiosos desse período ter assumido que o quadro de referência fornecido pelo comentário padrão poderia acomodar a massa de novas

informações a respeito da relação de Wittgenstein com os primeiros empiristas lógicos, raramente se percebeu até que ponto os novos materiais documentais oferecem fundamentos convincentes para rejeitar o comentário padrão adotado pela primeira e segunda gerações de comentadores. Além disso, a animosidade, a competitividade e as mútuas incompreensões, que eram aspectos importantes do debate entre as principais figuras, foram freqüentemente reproduzidas na literatura sobre este tópico, ao invés de se constituir no tema de uma análise crítica. De fato, na maioria dos trabalhos recentes sobre a história desse confronto se pode reconhecer claramente uma defesa de um ou outro dos protagonistas originais. É precisamente porque o debate filosófico que teve lugar em Viena setenta ou oitenta anos atrás concernia à formulação inicial de posições que são ainda hoje debatidas que leitores contemporâneos estão tão dispostos a discutir a história desses debates. Mas, por essa mesma razão, com freqüência é extremamente difícil para nós apreciar a distância que separa a filosofia do século XXI das questões que ocuparam os fundadores do empirismo lógico, ou as armadilhas interpretativas que podem nos levar a transformar aquele complexo e multifacetado debate em uma simples estória de progresso, do início rústico até a filosofia contemporânea sofisticada. De fato, alguns dos mais importantes desenvolvimentos nas investigações recentes sobre a história desse período têm sido estudos que mapeiam o papel das concepções pós-kantianas de lógica e de experiência no *Aufbau* de Carnap (ver COFFA, 1985; 1991; FRIEDMAN, 1999; RICHARDSON, 1998) e o papel da física e da engenharia do início do século XX no *Tractatus* de Wittgenstein (ver HAMILTON, 2001a, 2001b, 2002; HIDE, 2004; LAMPERT, 2003; SPELT – McGUINNESS, 2001; STERRETT, 2002; Para uma revisão crítica dessa literatura, ver NORDMANN, 2002).

O objetivo da presente exposição, no espírito desse trabalho recente sobre a história do início da filosofia analítica, é o de oferecer uma perspectiva mais ampla da natureza geral do debate entre Wittgenstein e seus interlocutores no Círculo de Viena, tomando como ponto de partida a maneira pela qual eles próprios compreendiam suas respectivas posições. Essas posições vêm à tona mais claramente, creio eu, se nós atentarmos cuidadosamente aos detalhes do que eles tinham a dizer naquela época sobre as áreas específicas de concordância e discordância.

De modo excessivamente freqüente, as afirmações programáticas sobre a natureza de seus trabalhos, que são repetidas nos manifestos, introduções e livros de divulgação, ocuparam o plano principal na literatura secundária subsequente. Conseqüentemente, iremos agora nos voltar para um exame mais detalhado do momento decisivo em suas relações. Esse momento decisivo é a acusação de Wittgenstein, no verão de 1932, de que o artigo de Carnap recentemente publicado, “Linguagem Fisicalista como Linguagem Universal da Ciência”, usou amplamente, e sem mencionar, idéias de Wittgenstein, de tal modo que Wittgenstein, como ele diz em uma carta a Schlick, iria “em breve estar em uma situação no qual [seu] próprio trabalho será considerado meramente como uma versão requeitada ou plágio do de Carnap”<sup>14</sup>.

## 2. Wittgenstein e Carnap sobre o fisicalismo

No início de maio de 1932, Wittgenstein recebeu uma separata do artigo de Carnap “Die Physikalische Sprache als Universalsprache der Wissenschaft”, (CARNAP, 1932), “Linguagem Física como Linguagem Universal da Ciência”. O artigo de Carnap foi traduzido para o inglês por Max Black e publicado em 1934, em um pequeno livro, sob um novo título: *A Unidade da Ciência*. O título mais curto e acessível foi certamente uma escolha melhor para um livro popular do que o título original, acadêmico. Entretanto, Black traduziu e reformulou o título do artigo dentro do livro, transformando a referência original a uma “linguagem física como linguagem universal da ciência” em “Física como uma Ciência Universal” (CARNAP, 1934, p.31). Essa escolha de palavras é duplamente equivocada. Primeiro, a tradução transforma um título posto no modo formal de discurso – uma afirmação sobre a gramática, ou a sintaxe, de nossa linguagem – em um título posto no modo material – uma afirmação sobre o mundo. Segundo, uma questão crucial deixada em aberto ao se falar em “linguagem física” – se a linguagem física deve ser estritamente identificada com a linguagem da física, ou deve ser entendida em um sentido mais amplo, como qualquer linguagem que se refira a objetos físicos – é resolvida pela nova tradução em favor da interpretação mais restritiva.

O artigo provou ser um momento decisivo no movimento de distanciamento com relação às análises fenomenalistas da linguagem científica: um dos primeiros e dos mais influentes artigos argumentando a favor da tese fisicalista, segundo a qual toda linguagem significativa deve ser traduzível em um vocabulário inteiramente físico. Embora o artigo seja uma defesa do fisicalismo, os termos “*physicalism*” e “*Physikalismus*”, utilizados pela primeira vez na forma impressa por Otto Neurath no ano anterior, não ocorrem em CARNAP, 1932, exceto em uma nota de rodapé onde ele cita alguns desses trabalhos de Neurath<sup>15</sup>. Apesar de a tese fisicalista já ser enunciada em um artigo de Neurath publicado em 1931, ele tem pouco a oferecer em termos de defesa argumentativa da tese (NEURATH, 1931a; ver também NEURATH, 1931 e 1931b). Nos artigos que Neurath publicou naquele ano, Neurath defendeu um materialismo sem metafísica: “ciência unificada em uma base materialista”, como diz Haller (HALLER, 1989, p. 20). Em outras palavras, Neurath avança a posição de que há apenas um tipo de objeto: objetos físicos, os objetos que são estudados pelas ciências. O objetivo central de Carnap, em seu artigo de 1932 sobre o fisicalismo, era assentar essa posição em uma fundação filosófica firme, mostrando como isso poderia ser articulado dentro do programa da análise da estrutura de nossa linguagem – que em breve seria chamado de “sintaxe lógica”, mas ao qual Carnap também se referiu como “metalógica”.

Carnap emprega abundantemente a distinção entre modos de discurso “material” e “formal”: “o primeiro fala de ‘objetos’, ‘estados de coisas’, do ‘sentido’, ‘conteúdo’, ou ‘significado’ das palavras, enquanto o segundo refere-se apenas às formas lingüísticas” (CARNAP, 1934, p. 38; 1932, p. 435). Uma nota de rodapé inserida no final da sentença promete que “uma teoria estritamente formal das formas lingüísticas (‘sintaxe lógica’) será desenvolvida futuramente”. Uma sentença adicionada à nota de rodapé na tradução de 1934 identifica “o livro aqui anunciado” como *A Sintaxe Lógica da Linguagem*. Entretanto, o original em alemão para a frase acrescentada não é “*logische Syntax*”, mas “*Metalogik*”, mais naturalmente traduzida como “metalógica”. Em 1932, Carnap usou as duas de forma mais ou menos intercambiável, e ainda não tinha se decidido por “sintaxe lógica” como seu termo predileto; assim, embora a tradução seja linguisticamente estranha, ela possui alguma consistência<sup>16</sup>. Ambos os termos

poderiam chamar a atenção de Wittgenstein. Sintaxe lógica é o termo do *Tractatus* para as regras de uma linguagem de sinais que é “governada por uma gramática lógica” (*Tractatus* 3.325; a expressão também é usada em 3.33, 3.334, 3.344 e 6.124), a proposta de Wittgenstein para substituir o alvo de Frege e Russell de uma *Begriffsschrift*, ou “notação conceitual”. O termo “metalógica” não ocorre nos primeiros escritos de Wittgenstein, mas entre 1931 e 1933 ele repetidamente fala disso em tom de repúdio: a primeira página do *Big Typescript* afirma que “assim como não há metafísica, não há metalógica” (WITTGENSTEIN, 2005, p.2; ver também 3, 13, 158, 220, 223, 305). Embora seja discutível o que precisamente Wittgenstein queria dizer com este termo, é claro que Wittgenstein rejeita a própria idéia de uma metalógica, tratando isso como uma expressão da idéia de que se poderia adotar um ponto de vista “oblíquo”, a partir do qual se poderia avaliar a relação entre a linguagem e o mundo<sup>17</sup>.

Ao longo do artigo, Carnap direciona nossa atenção para a distinção entre o modo material e o formal de discurso, usando um layout com duas colunas para simultaneamente exibir afirmações problemáticas nos dois “modos”. O artigo prossegue identificando um determinado número de diferentes linguagens. A “linguagem protocolar”, ou “linguagem primária”, é usada para descrever a “experiência imediatamente dada dos fenômenos” (modo material), ou, em termos mais exatos, “enunciados que não necessitam de justificativa e que servem de fundamento para todos os demais enunciados da ciência” (modo formal) (CARNAP, 1934, p. 45; 1932, p. 438). Os enunciados mais simples na linguagem física são inicialmente introduzidos como aqueles que especificam uma “propriedade quantitativamente determinada de alguma posição em algum tempo” (modo material) ou que fixam para “um conjunto específico de coordenadas... um determinado valor ou um campo de valores de um coeficiente de estado físico” (modo formal) (CARNAP, 1934, p. 52-53; 1932, p. 441). Carnap nuança isso reconhecendo que desenvolvimentos futuros na física podem levar a modificações, mas sustenta que tudo que importa ao propósito presente é que, como quer que se dê tal modificação, os enunciados na linguagem protocolar permanecerão traduzíveis em linguagem física. O restante do artigo é dedicado a argumentar que “todo enunciado científico pode ser traduzido em linguagem física” e a responder a objeções à sua afirmação

de que “enunciados protocolares... podem ser traduzidos em linguagem física” (CARNAP, 1934, p. 76; 1932, p. 453).

Em 6 de maio de 1932, logo após ter recebido a separata de Carnap, Wittgenstein escreveu a Schlick, expondo sua resposta inicial. Ele expressou sua preocupação com o fato de que o uso que Carnap fez de seu trabalho não publicado foi tão extenso que todos considerariam o seu próprio trabalho, quando fosse finalmente publicado, como não mais que “uma versão requeitada ou plágio do de Carnap” (Carta de Wittgenstein a Schlick, 6 de maio de 1932; HINTIKKA, 1996, p131). Ele expressa também uma concepção fortemente patrimonial com relação àquilo que ele claramente considerava fruto de seu próprio trabalho:

Vejo-me levado contra a minha vontade para dentro do que é chamado “o Círculo de Viena”.

Nesse Círculo prevalece uma comunhão de propriedade, de tal modo que eu poderia, por exemplo, usar as idéias de Carnap se *eu quisesse*, mas ele também poderia usar as minhas. Mas eu *não quero* juntar forças com Carnap e pertencer a um círculo ao qual ele pertence. Se tenho uma macieira em meu jardim, então me delicia e serve ao propósito da árvore se meus *amigos* (*por exemplo, você e Waismann*) fizerem uso das maçãs; eu *não* afugentarei ladrões que pularem a cerca, mas estou no direito de indignar-me com o fato de eles fingirem ser meus amigos ou alegarem que a árvore deve pertencer a eles em sociedade [Carta de Wittgenstein a Schlick, 6 de maio de 1932; ver HINTIKKA, 1996, p131].

Por meio século, essa controvérsia não foi discutida na literatura sobre Wittgenstein e o Círculo de Viena. Carnap incluiu essa discussão em um esboço de sua autobiografia, mas que não foi incluída na versão publicada. Lá, ele escreve:

Anos mais tarde, alguns alunos de Wittgenstein em Cambridge pediram a ele permissão para mandar transcrições de suas aulas a amigos e filósofos interessados. Ele pediu para ver a lista dos nomes e então aprovou todos, menos o meu. Ao longo de toda minha vida, nunca experimentei nada semelhante a este ódio dirigido a mim. Eu não tenho uma explicação adequada; provavelmente apenas um psicanalista poderia oferecer uma... [STADLER, 2001, p. 433-434]

Depois que uma substancial parte das correspondências de Wittgenstein em 1932 com Schlick e Carnap sobre o assunto foi publicada em NEDO – RANCHETTI, 1983 (p. 254–255, 381–382), as acusações de Wittgenstein receberam a atenção de parte dos principais estudiosos sobre a história do início da filosofia analítica<sup>18</sup>. Entretanto, a *Prioritätstreit* de Wittgenstein com Carnap é muito menos conhecida que sua rixa com Popper (EDMONDS – EIDINOW, 2001), apesar do fato de sabermos muito mais sobre as posições de cada um dos lados na controvérsia Wittgenstein-Carnap. De fato, alguns artigos recentes sobre as origens do fisicalismo não apenas tomam como ponto assente que “a palavra *fisicalismo*, quando introduzida nas conversas filosóficas por Neurath e Carnap, é um termo que lhes caberia por direito definir” (GATES, 2001, p. 251), mas não chegam sequer a mencionar a reivindicação de Wittgenstein (GATES, 2001; MANNINEN, 2003).

Embora a carta inicial de Wittgenstein a Schlick expresse sua imediata indignação diante do que considerou ser a apropriação em larga escala de suas idéias, ele não especificou mais a fundo o que considerou ser aquilo que Carnap havia roubado. No lugar dele, Schlick assumiu essa tarefa<sup>19</sup>. Um pouco mais de dois meses depois, Schlick escreveu a Carnap dizendo que ele considerava “necessário mencionar Wittgenstein pelo nome todas as vezes em que tocasse pontos específicos a ele e característicos do seu modo de pensamento, especialmente pelo fato de ele não ter publicado nada por um bom tempo e, no lugar disso, ter posto em circulação suas idéias oralmente” (Carta de Schlick a Carnap, 10 de julho de 1932; HINTIKKA, 1996, p.134). Schlick listou os seguintes pontos nos quais considerou a menção apropriada:

- [1] início da p. 433 (a natureza da filosofia); [CARNAP, 1934, p.33]
- [2] parte inferior da p.435 e seguintes (definição ostensiva não nos leva para fora da linguagem); [CARNAP, 1934, p. 39 e segs.]
- [3] início da p.440 (o caráter das leis da natureza, em que hipóteses são caracterizadas por meio de sua forma lógica peculiar, que difere das proposições ordinárias); [CARNAP, 1934, p. 48–49]
- [4], além disso, as passagens em que os pseudo-problemas são eliminados por meio do “modo formal de discurso” (p.452, nota, p.456), pois de fato isto é, afinal, a idéia básica de W[itgenstein]<sup>20</sup>. [CARNAP, 1934, nota de rodapé da p. 74; p. 82–84]

Essa lista é nossa melhor evidência com relação a quais partes do artigo Wittgenstein considerou ser “maçãs roubadas”, como diz Hintikka. Mas se voltarmos à primeira carta de Wittgenstein a Schlick, podemos acrescentar algumas acusações adicionais a esses pontos específicos de suposta dívida:

[5] a alegação de que o fisicalismo está no *Tractatus*

[6] a alegação de que o trabalho de Carnap é tão similar ao de

Wittgenstein, que Wittgenstein pareceria ter extraído suas idéias de Carnap.

Talvez o que seja mais surpreendente acerca da disputa de Wittgenstein com Carnap é o último item da lista: a insistência de Wittgenstein de que o trabalho de Carnap era tão próximo do seu próprio trabalho. Pois a resposta usual de Wittgenstein àqueles que fizeram uso de suas idéias na forma impressa, incluindo o projeto explicitamente expositivo de Waismann, era reclamar que seu trabalho tinha sido mal apresentado ou mal compreendido.

Porém, julgar tal acusação de dívida intelectual inconfessa é uma situação muito mais complexa do que no caso de um roubo comum ou plágio. O critério de identidade para uma concepção acerca da definição ostensiva, das leis da natureza, do fisicalismo, ou da natureza da filosofia são eles mesmos tópicos legítimos do debate filosófico. Dado um resumo suficientemente sumário das posições de Wittgenstein e de Carnap acerca de cada um desses tópicos, elas se tornam extremamente similares; dado uma reconstrução suficientemente detalhada, as diferenças entre eles podem parecer muito mais marcantes. Os defensores de Wittgenstein destacaram as similaridades, os de Carnap enfatizaram suas diferenças.

Não apenas é extremamente difícil estabelecer quando uma pessoa tomou uma idéia de outra, mas, ainda que se assuma, para fins argumentativos, que isto seja ponto estabelecido, os padrões de comportamento apropriado são bem menos claramente definidos do que no caso de alguém que roubou uma maçã da árvore de outra pessoa, ou que usou as palavras da outra sem citação. De fato, nesse caso, pode-se perfeitamente argumentar que Wittgenstein, a despeito de sua afirmação contrária, efetivamente convidou o Círculo de Viena a fazer uso de suas idéias. Pois ele concordou em fornecer um fluxo contínuo de materiais expositivos a

Waismann e Schlick, com o reconhecimento explícito de que Waismann serviria como seu representante, e dedicaria suas energias a escrever um livro expondo o trabalho de Wittgenstein. Então, há boas razões para sustentar que mesmo que a afirmação de Wittgenstein acerca da extensão do débito de Carnap fosse inteiramente correta, seu veemente pedido por uma detalhada confissão de débito seria injustificado.

Além disso, não é raro um filósofo ser extremamente sensível acerca do uso de seu trabalho por outros, porém bem menos disposto a reconhecer seu próprio uso das idéias de outros. Wittgenstein raramente fazia referência ao trabalho de outros filósofos em seus próprios escritos, e expressou uma atitude definitivamente altiva acerca de tais questões no Prefácio do *Tractatus*, onde afirma que o livro não dá nenhuma fonte “porque me é indiferente que alguém mais já tenha, antes de mim, pensado o que pensei”<sup>21</sup>. Certamente, Carnap era igualmente indiferente acerca de suas fontes quando enviou seu artigo a Wittgenstein. De fato, foi apenas depois de Neurath ler um rascunho inicial do artigo e reclamar que seu trabalho anterior sobre fisicalismo deveria ser citado, trabalho que ele e Carnap discutiram minuciosamente por vários anos, que Carnap inseriu uma nota de rodapé fazendo referência às publicações prévias de Neurath sobre o fisicalismo<sup>22</sup>.

Uma vez que as seis reclamações de Wittgenstein listadas acima variam de pontos específicos a questões gerais acerca do método, será útil arranjá-las em três grupos gerais. Primeiro, há idéias bem específicas que Wittgenstein alegou terem sido extraídas de seu próprio trabalho (itens 2 e 3). Segundo, há considerações metodológicas bastante gerais (itens 1, 4 e 6). Finalmente, num nível intermediário, há a alegação de que o fisicalismo de Carnap já estaria no *Tractatus*.

Tomemos primeiro [2] e [3], que são ambas relativamente pequenas e específicas. Hintikka não teve muito trabalho para mostrar que os trechos acerca desses tópicos no artigo de Carnap, citados na carta de Schlick, estão bem próximos de uma enunciação sumária das idéias do próprio Wittgenstein naquele período sobre ostensão e hipótese, tais como expostas em seus encontros com Schlick e Waismann naquela época. Além do mais, Carnap pode ter tido acesso a essas idéias por meio de uma síntese delas feita por Waismann em suas comunicações no Círculo de Viena<sup>23</sup>. Então, não é difícil ver como Wittgenstein poderia ter se

ressentido acerca desses trechos. Entretanto, isso dificilmente mostra que Carnap de fato desenvolveu suas concepções a partir do que ele poderia ter amalhado junto a Waismann, ao invés de ter ele mesmo desenvolvido algo semelhante a essas idéias, extraíndo-as de trabalhos relacionados de Poincaré e Reichenbach. É precisamente porque aquilo que Wittgenstein tinha a dizer sobre a relação entre hipótese, evidência, experiência e ostensão, nos anos entre 1929 e 1931, não apenas era um plausível desenvolvimento do *Tractatus*, mas também uma visão plausível e racional, que não seria de espantar que outros, trabalhando sobre essas questões, pudessem chegar independentemente a concepções marcadamente similares. Em uma carta posterior a Schlick, Wittgenstein aborda esse assunto:

Carnap retirou seu conceito de hipótese de mim e, mais uma vez, eu descobri isso por meio de Waismann. Nem Poincaré nem Reichenbach poderiam ter essa mesma concepção, pois eles não partilham minha concepção das proposições e da gramática [Carta de Wittgenstein a Schlick, 8 de agosto de 1932. NEDO – RANCHETTI, 1983, p. 255, n. 20; HINTIKKA, 1996, p. 140]<sup>24</sup>.

Wittgenstein sustenta aqui que a concepção de Carnap de hipótese é a mesma que a dele, alegando que a concepção de hipótese de Carnap depende da concepção geral de Wittgenstein acerca da natureza da linguagem<sup>25</sup>. Isso nos traz de volta às considerações metodológicas que inicialmente colocamos de lado. As alegações mais específicas de Wittgenstein não podem ser separadas das questões mais gerais.

Visto que saber se a concepção de filosofia [1] de Carnap e seus métodos gerais [4, 6] no artigo em disputa são os mesmos que (ou suficientemente similares a) os de Wittgenstein é uma questão tão abrangente, isso pode parecer muito mais difícil de julgar que a questão anterior sobre pontos específicos. Certamente, uma avaliação completa da relação entre seus respectivos programas filosóficos está muito além dos propósitos deste artigo. Entretanto, o caráter geral da relação entre eles é consideravelmente mais claro que muitos dos detalhes. Pois, como já visto, não há dúvida de que Carnap era profundamente influenciado e devedor da abordagem geral de Wittgenstein com relação à filosofia, um fato atestado não apenas em sua autobiografia intelectual, mas também em *The Logical Syntax of Language* (ver CARNAP, 1934/1937, xvi), e na introdução de Max Black

à tradução de 1934 do artigo sobre fisicalismo<sup>26</sup>. Em particular, o projeto de Carnap de exibir a sintaxe lógica, ou metalógica, da linguagem é um descendente direto do objetivo do *Tractatus* de esclarecimento da sintaxe lógica. Sem dúvida, há também importantes diferenças entre suas concepções de sintaxe e de filosofia. Em particular, a cuidadosa e meditada discussão que Carnap nos oferece em *The Logical Syntax of Language* de sua relação com Wittgenstein destaca dois pontos de discordância de princípio interrelacionados entre si: a rejeição por Carnap da idéia de Wittgenstein de que a sintaxe lógica é inexpressável (e, assim, só pode ser mostrada, mas não dita) e sua rejeição da concepção de Wittgenstein da filosofia como uma atividade elucidativa que não pode ser formulada (ver CARNAP 1934/1937, p. 282-284). Entretanto, não precisamos decidir se são mais significativas as similaridades ou as diferenças entre suas respectivas posições filosóficas para defender Carnap das objeções de Wittgenstein. Pois, creio eu, é claro que, embora o trabalho de Carnap seja profundamente influenciado pelo de Wittgenstein, sua insistência de que a natureza da filosofia e a natureza da linguagem podem ser explicitadas leva a uma discordância metodológica fundamental e de amplas conseqüências. O débito de Carnap para com Wittgenstein é comparável ao débito de Wittgenstein para com Russell e Frege, ou o débito de Russell para com Frege. Mesmo que haja espaço para um debate acadêmico legítimo acerca do alcance e da natureza desse débito, não há duvida de que a influência tenha sido extremamente importante, embora seja também inegável a existência de discordâncias fundamentais entre eles.

Retornemos agora à questão acerca da relação entre a filosofia de Wittgenstein e o fisicalismo de Carnap. Em sua resposta à carta de Schlick que expunha as reclamações de Wittgenstein, Carnap tratou isto como uma questão crucial, dizendo que ele não mencionou Wittgenstein, pois “no fim das contas, ele não tratou do problema do fisicalismo” (Carta de Carnap a Schlick, 17 de julho de 1932; HINTIKKA, 1996, p.133). Schlick mandou uma cópia da carta de Carnap a Wittgenstein, que respondeu:

Não é verdade que não tratei da questão do “fisicalismo” (embora não sob esse – horrível – nome) com a mesma brevidade com que todo o *Tractatus* é escrito [Carta de Witt. a Schlick, 8 de agosto de 1932; HINTIKKA, 1996, p. 137].

Em defesa de Carnap, seus intérpretes reiteraram o ponto que o próprio Carnap assinalou brevemente em sua carta inicial a Schlick: Wittgenstein “não tratou do problema do fisicalismo”, ao menos não nos termos em que Carnap e Neurath entendiam o problema. Com efeito, à primeira vista, há forte evidência de que Wittgenstein nunca discutiu o fisicalismo. O termo não aparece no *Tractatus*. De fato, não há uso dele em nenhum lugar do *corpus* deixado por Wittgenstein<sup>27</sup>. Entretanto, a ausência da palavra é tão pouco relevante para a questão de saber se Wittgenstein tratou do fisicalismo no *Tractatus* quanto a ausência dessa palavra no próprio artigo de Carnap. Embora a questão “o autor do *Tractatus* tratou do tópico do fisicalismo naquele livro?” pareça à primeira vista ser uma questão direta, não o é. Pois ela depende não só de como entendemos o tópico do fisicalismo, mas também como entendemos o que é estar “no” *Tractatus*. Pelo fato de o livro ser tão condensado, temos de considerar não só o que está explicitamente dito ali, mas também as conclusões que o autor esperava que os leitores tirassem por eles mesmos<sup>28</sup>.

Em uma discussão recente sobre essa mesma questão, Cora Diamond corretamente observa que a idéia de estar “no” *Tractatus* deve ser compreendida de tal modo que inclua mais do que simplesmente o que está ali explicitamente dito, embora permaneça distinta da categoria muito mais abrangente de tudo aquilo que pode ser dali inferido (DIAMOND, 2000, p. 263). Sua proposta bastante plausível é que usemos a expressão “no *Tractatus*” para cobrir “as conclusões às quais Wittgenstein queria que os leitores chegassem por si mesmos, as linhas de pensamento que ele queria que seus leitores percorressem eles próprios” (DIAMOND, 2000, p. 263). Diamond dá à sua proposta potencialmente ilimitada algumas especificações ao sugerir que precisamos pensar naquilo que Wittgenstein esperava que Russell, em particular, extraísse de sua leitura do livro. O objetivo principal do ensaio de Diamond é argumentar que uma versão inicial do argumento da linguagem privada está “no *Tractatus*”. Entretanto, ela conecta sua exposição de uma crítica Tractariana das concepções de Russell acerca de nosso conhecimento dos estados internos de outrem com a afirmação de Wittgenstein de que o fisicalismo está “no *Tractatus*”. *Grosso modo*, Diamond traça a conexão da seguinte maneira. O tratamento do *Tractatus* da lógica requer que abandonemos a concepção Russelliana de objeto por *acquaintance* como pertencendo aos

sujeitos, pois o *Tractatus* requer que todas as linguagens sejam intertraduzíveis, e a concepção de Russell, dado seu compromisso com a privacidade dos conteúdos mentais alheios, não satisfaz esse requerimento. Uma vez que extraímos essa conclusão,

Resta-nos a traduzibilidade de uma na outra entre a linguagem da experiência e a linguagem ordinária do mundo físico: elas não são sobre objetos diferentes. É o fato de que Carnap pegou este ponto do *Tractatus* e o tornou central em seu fisicalismo de 1931 que subjaz à alegação de plágio por parte de Wittgenstein [DIAMOND, 2000, p. 279. Wittgenstein explicitamente afirma o princípio da intertraduzibilidade em 3.343].

Diamond está correta em frisar a centralidade da idéia de que todas as linguagens são intertraduzíveis no *Tractatus*. A idéia de “linguagem como meio universal”, como Hintikka a chama, é um compromisso crucial do *Tractatus*, com profundas conseqüências. De fato, esta é uma razão pela qual o surgimento do fisicalismo e os argumentos contra a possibilidade de uma linguagem privada são tão intimamente interconectados. De fato, se uma linguagem privada, uma “linguagem que descreve minha experiência interior e que apenas eu mesmo posso compreender” (WITTGENSTEIN, 1953/2001, §256), é possível, então a tese fisicalista de que todas as linguagens são intertraduzíveis deve ser falsa<sup>29</sup>.

Contudo, o fisicalismo, por mais geral que seja sua caracterização, requer mais que mera intertraduzibilidade: também requer a reivindicação de prioridade, ou de primazia, do físico. Tanto o solipsista Tractariano quanto o fenomenalista inspirado no *Aufbau* poderiam aceitar a tese da intertraduzibilidade das linguagens física e fenomenal e tomá-la como um degrau a caminho de argumentar, contra o fisicalismo, que “o mundo é o meu mundo” (*Tractatus*, 5.62). Além disso, a defesa que Diamond oferece de Wittgenstein não faz justiça ao fato de que Wittgenstein e Carnap têm concepções bastante diferentes de fisicalismo<sup>30</sup>. O fisicalismo de Wittgenstein no início da década de 1930 leva a um compromisso com a primazia dos objetos dos quais falamos em nossas linguagens ordinárias, enquanto o fisicalismo de Carnap se baseia na primazia dos objetos postulados pelos físicos<sup>31</sup>. De meu lado, creio que Wittgenstein não havia chegado à posição fisicalista no que tange à primazia da linguagem física

sobre a linguagem fenomenológica quando ele escreveu o *Tractatus*, mas não é necessário que nos detenhamos nesta questão bastante debatida acerca da interpretação do *Tractatus* (para uma discussão mais detalhada, ver STERN, 1995, 3.4, 4.2). O que importa para os nossos propósitos são as posições avançadas por Wittgenstein no final dos anos vinte e início dos anos trinta, posições que ele concebia como um desenvolvimento direto do *Tractatus*.

De fato, o ponto de partida mais promissor para um entendimento equilibrado das profundas afinidades e diferenças entre Carnap e Wittgenstein é reconhecer que cada um deles havia desenvolvido consequências da visão tractariana de que todas as linguagens devem ser traduzíveis. Nos anos vinte, cada um deles foi atraído por uma análise fenomenalista, ou fenomenológica, tanto da linguagem ordinária quanto da linguagem científica: a idéia de que se poderia especificar um esquema de tradução que, de algum modo, permitiria traduzir tudo que alguém ordinariamente poderia dizer sobre o mundo em um discurso sobre os seus estados internos. Ambos evocaram uma linguagem primária, para falar diretamente da experiência imediata, e uma linguagem secundária, para falar sobre os objetos físicos.

Ao passo que o *Tractatus* tinha muito pouco a dizer sobre filosofia da mente e epistemologia, uma discussão dualista da relação entre o mundo mental “primário” e um mundo físico “secundário” desempenhou um papel central na elaboração posterior das idéias principais do livro. Se olhamos os primeiros manuscritos pós-*Tractatus*, iniciados quase que imediatamente após seu retorno a Cambridge, em janeiro de 1929, vemos Wittgenstein desenvolvendo toda uma metafísica da experiência, tão somente sugerida no *Tractatus*. Ela estava baseada em uma distinção fundamental entre dois domínios, o “primário” e o “secundário”. O primário é o mundo da minha experiência presente; o secundário é tudo para além disso: não apenas o “mundo exterior”, mas também as outras mentes, e grande parte de minha vida mental. Ele repetidamente fez uso de uma analogia cinematográfica, comparando o mundo primário, “interior”, com a imagem que se vê no cinema, e o mundo secundário, “externo”, com as imagens no filme passando pelo projetor. Entretanto, por volta de outubro daquele ano, ele rejeitou decididamente essa abordagem. Ele constatou que o primário e o secundário não eram dois

mundos diferentes, porém, mais propriamente, duas maneiras diferentes de falar, e ele pensou a filosofia como o esclarecimento desses usos da linguagem. Foi apenas depois de Wittgenstein repudiar o objetivo de uma “linguagem primária” ou “linguagem fenomenológica”, em outubro de 1929, que ele aceitou a primazia de nossa linguagem ordinária física e então adotou uma abordagem passível de ser reconhecida como fisicalista (para uma discussão mais detalhada, ver STERN, 1995, 5.2).

Como Wittgenstein anunciou essas conclusões fisicalistas em seus encontros em dezembro de 1929 com Waismann e Schlick, é fácil ver porque Wittgenstein estava convencido de que Carnap havia extraído o seu fisicalismo de Wittgenstein. Entretanto, há boas razões para acreditar que Neurath e Carnap já tinham dado passos cruciais na direção do ponto de vista fisicalista, no início daquele ano, em decorrência de conversas com Heinrich Neider, um estudante membro do Círculo de Viena. Neider havia argumentado que a abordagem de “duas linguagens” do *Aufbau* de Carnap, que dá peso igual para ambas as linguagens fenomenal e física, é incoerente, pois um ponto de partida solipsista não pode acomodar enunciados de evidência intersubjetivamente verificáveis: apenas uma linguagem fisicalista pode fazer isso. Conseqüentemente, enunciados básicos dotados de evidência devem ser formulados na linguagem física (ver HALLER – RUTTE, 1977, p. 29-30; UEBEL, 1995, p. 335 e seg.). Na verdade, embora uma crítica nessa direção possa perfeitamente ter desempenhado um papel crucial mostrando a Carnap e Neurath que a linguagem fenomenalista não poderia oferecer uma base satisfatória para a reconstrução do conhecimento científico, certamente não era a primeira formulação de uma tese fisicalista por um membro do Círculo de Viena. De fato, em 1935 Schlick persuadiu Carnap, para grande embaraço de Carnap, que Schlick já tinha proposto e argumentado a favor de uma versão do fisicalismo em seu *Allgemeine Erkenntnislehre*, de 1918 (SCHLICK, 1918/1974, p. 295; ver UEBEL, 1995, p. 345-346). Certamente, nem o fisicalismo de Neider nem o de Schlick fizeram uso da distinção entre os modos material e formal de discurso; mas a atenção que dedicaram a questões relativas ao mapeamento de um modo de discurso em outro antecipa a abordagem mais sistemática das questões de tradução que podemos encontrar no trabalho de Carnap e Wittgenstein no início dos anos trinta.

Estranhamente, embora os principais adversários nessa disputa compartilhassem um compromisso básico com a primazia da linguagem fiscalista, e com a idéia de que todas as linguagens significativas são traduzíveis, havia uma notável falta de entendimento mútuo entre eles e uma profunda discordância sobre a natureza das doutrinas que eles disputavam. Três quartos de século depois, estamos muito mais cientes das diferenças que os separam do que dos pontos nos quais eles concordam, a tal ponto que se faz necessário um esforço de reconstrução histórica para perceber por que Wittgenstein certa vez receou que seu trabalho viesse a ser considerado uma pálida sombra do de Carnap.

<sup>1</sup> Este artigo é baseado em um ensaio intitulado “Wittgenstein, the Vienna Circle, and Physicalism: A Reassessment”, publicado como o Capítulo 12 (p. 305-331) de *The Cambridge Companion to Logical Empiricism*, Alan Richardson and Thomas Uebel eds., 2007 pela Cambridge University Press; agradecemos aos editores a autorização para a publicação da tradução do presente texto.

<sup>2</sup> Ver WITTGENSTEIN, 1964, §§59, 150, 160, 225, 232. Para um valioso ensaio a respeito de Wittgenstein e o Círculo de Viena sobre verificação, que inclui uma avaliação da literatura prévia sobre o assunto, ver HYMERS, 2005.

<sup>3</sup> WAISMANN, 1967/1979, 1997, WITTGENSTEIN – WAISMANN, 2003. BAKER, 1979 é uma introdução extremamente informativa sobre a relação entre eles.

<sup>4</sup> JANIK – VEIGL, 1998, 63. Waismann também desempenhou o papel de representante das concepções de Wittgenstein nos artigos que ele apresentou em conferências internacionais em Praga (1929) e Königsberg (1930). Esse capítulo do livro de Janik e Veigl apresenta uma discussão informativa de como classes e status social influenciaram o resultado das controvérsias subsequentes.

<sup>5</sup> Citado por Baker, no prefácio para WITTGENSTEIN – WAISMANN, 2003, xxvii.

<sup>6</sup> As “Teses” formam o apêndice B de WAISMANN, 1967/1979, p. 233-261; elas são discutidas nas p. 182-186.

<sup>7</sup> Para discussões adicionais sobre a resposta de Wittgenstein às “Teses” e sobre o “dogmatismo”, ver STERN, 1995, p. 101-104 e STERN, 2004, p. 48.

<sup>8</sup> “Se alguém quisesse estabelecer teses em filosofia, nenhum debate sobre elas jamais poderia surgir, pois todos estariam de acordo com elas” (WITTGENSTEIN, 2005, §89, 309. Cf. WITTGENSTEIN, 1953, §128).

<sup>9</sup> McGuinness, que traduz este trecho, nota que se trata de uma exposição aproximada de *Tractatus* 6.53.

<sup>10</sup> A primeira metade do comentário padrão – acerca da influência do *Tractatus* no Círculo de Viena – pode ser encontrada em certos textos canônicos como o manifesto do Círculo, publicado pela primeira vez em 1929, "The Scientific Conception of the World: The Vienna Circle" (HAHN – NEURATH – CARNAP, 1973), e a descrição extremamente influente oferecida por Ayer em *Language Truth and Logic* (AYER, 1936). Para uma recente exposição cabal do “comentário padrão” de uma perspectiva ortodoxa wittgensteiniana, veja HACKER, 1996, capítulo 3, e STERN, 1999 para uma breve resposta.

Em parte, o sucesso do *Tractatus* como um texto canônico da filosofia do século XX decorre do modo pelo qual ele se abre para uma tão grande variedade de interpretações: como o trabalho do aluno de Russell, como uma contribuição à filosofia da matemática, ou lógica, como um trabalho de epistemologia positivista, como uma contribuição à ontologia, como um livro dotado de uma perspectiva ética, como místico, ou como contra-sensos autodestrutivos. Em STERN, 2003, procurei defender uma abordagem alternativa da história da recepção do *Tractatus*, baseado na proposta de que devemos prestar atenção às condições que tornaram possível que essa grande variedade de abordagens diferentes da interpretação do *Tractatus* estivessem na linha de frente em épocas diferentes, desde a publicação do *Tractatus* em 1922. Dessa perspectiva, esse capítulo se concentra na recepção inicial do *Tractatus* em Viena. Entretanto, tão logo Wittgenstein começou a falar com Schlick e seu círculo, a relação assume ao menos duas outras dimensões: temos que considerar as maneiras pelas quais Wittgenstein respondeu a eles, e temos que considerar os modos pelos quais suas concepções mudaram ao longo do tempo. Assim que nos aproximamos da Viena no fim dos anos vinte, vemos que todos os assuntos que se desdobram pouco a pouco nos trabalhos acadêmicos subsequentes do tema já estão no ar.

<sup>11</sup> Para nossos propósitos presentes, precisamos apenas considerar a distância entre as concepções contemporâneas sobre a natureza da tradução envolvida. Primeiro, os tratamentos mais comuns são em termos de superveniência, uma abordagem que foi primeiramente popularizada por Davidson (1970); antes, o debate era normalmente estruturado em termos de uma forma de reducionismo ou outra. Entretanto, mesmo o reducionismo clássico “*type-type*”, freqüentemente tomado como ponto de partida de exposição hoje em dia, é pela primeira vez exposto em SMART, 1959, cujo trabalho também proporcionou um ponto de partida para o surgimento do reducionismo funcionalista “*token-token*”, nos anos sessenta. A forma de reducionismo de meados do século que corresponde mais aproximadamente à abordagem defendida por Carnap é a relação de redução interteórica, cuja formulação clássica foi dada por Nagel (1961). Entretanto, o programa sistemático de Nagel, de derivar logicamente uma teoria de outra por meio de leis de ponte (“*bridge laws*”), é muito mais sofisticado que a proposta de Carnap em 1932, que resulta em pouco mais que uma série de exemplos de traduções fiscalistas de sentenças protocolares problemáticas. Para uma boa introdução à literatura atual sobre fiscalismo, veja STOLJAR, 2005. Para uma introdução àquilo se tornou conhecido como a “*Received View*” das teorias científicas, e sua evolução a partir da formulação inicial de Carnap, ao longo do próximo quarto de século, ver SUPPE, 1977, p. 3-61.

<sup>12</sup> Para discussões adicionais sobre a minha objeção ao “comentário padrão”, ver: STERN, 2004, capítulo 2, sobre a relação entre o *Tractatus* e as *Investigações Filosóficas*, e STERN, 2005, para uma abordagem mais polêmica das dificuldades geradas pelo uso das expressões “primeiro” e “segundo” Wittgenstein.

<sup>13</sup> A principal fonte primária sobre as conversas de Wittgenstein com o Círculo de Viena é WAISMANN, 1967, que se baseia nas anotações de Waismann dos encontros com Wittgenstein entre 1929-1932. Não há semelhante registro do conteúdo dos encontros anteriores. WITTTGENSTEIN – WAISMANN, 2003 proporciona uma coleção de transcrições literais de ditados e discussões com Wittgenstein juntamente com o rearranjo do material fornecido por Wittgenstein, datando de 1928-1929. Entre os mais proeminentes livros na literatura sobre a relação de Wittgenstein com o empirismo lógico estão: BAKER, 1988, COFFA, 1991, FRIEDMAN, 1999, HACKER, 1996, HALLER, 1988, HINTIKKA – HINTIKKA, 1986, McGUINNESS, 2002, STADLER, 2001.

<sup>14</sup> Carta de Wittgenstein a Carnap, 6 de maio de 1932; tradução de Hintikka 1996, 131. "*Und nun werde ich bald in der Lage sein, daß meine eigene Arbeit als bloßer zweiter Aufguß oder als Plagiat der Carnapschen angesehen werden wird*". Embora eu cite e faça uso das traduções publicadas das correspondências de Wittgenstein, o texto em alemão de todas essas cartas está disponível em WITTTGENSTEIN, 2004, juntamente com um amplo aparato crítico.

<sup>15</sup> CARNAP, 1934, 74n; 1932, 452n. O primeiro termo ocorre no título de NEURATH, 1931, o segundo nos títulos de 1931a e 1931b. Em decorrência de um descuido, corrigido na tradução em inglês, NEURATH, 1931a não é citado no original alemão. De fato, as citações foram apenas incluídas depois de Neurath reclamar a Carnap que em um rascunho inicial não havia o reconhecimento de sua contribuição.

<sup>16</sup> Falar em “sintaxe lógica” destaca a idéia de que Carnap propôs um estudo sistemático da estrutura da linguagem; falar de “metalógica” direciona nossa atenção ao caráter de “segunda ordem” do projeto.

<sup>17</sup> HILMY, 1987, capítulo 2, argumenta que a rejeição da “metalógica” desempenha um papel central na mudança de Wittgenstein na direção da linguagem ordinária, em seus escritos pós-*Tractatus*. Hilmy conjectura que o alvo principal de Wittgenstein em sua crítica à metalógica é o trabalho escrito depois do *Tractatus*, mas antes dos primeiros manuscritos pós-*Tractatus* que chegaram até nós, que datam do início de 1929.

<sup>18</sup> Entre outros, veja-se COFFA, 1991, p. 407-408, HALLER, 1988a; 1989; 1990, HINTIKKA, 1996, HINTIKKA & HINTIKKA, 1986, p. 145-147, McGUINNESS, 2002, cap. 16 e 17, MONK, 1990, p. 324, PEARS, 1988, p. 302-303, 316, STADLER, 1992; 2002, p. 429-438, e UEBEL, 1995. Para uma lista maior de autores que discutiram essa disputa de prioridade, ver UEBEL, 1995, p. 348-349; o artigo oferece uma revisão global da literatura sobre o assunto até meados dos anos noventa.

<sup>19</sup> Veja a discussão dessa cronologia em HINTIKKA, 1996, p. 134-5.

<sup>20</sup> Carta de Schlick a Carnap, 10 de julho de 1932; HINTIKKA, 1996, p.134. Acrescentei os números e a referência cruzada da versão do texto em inglês.

<sup>21</sup> Os pensamentos de Wittgenstein sobre influência e originalidade são bem mais complicados e interessantes do que se poderia depreender desse excessivamente curto resumo. Para mais discussões sobre as discussões de Wittgenstein sobre originalidade e talento, ver MONK, 1990, STERN, 2000, McGUINNESS, 2002.

<sup>22</sup> Para uma discussão detalhada da alegação de prioridade de Neurath, e sua relação com a de Wittgenstein, ver UEBEL, 1995, p. 334, 341-4.

<sup>23</sup> HINTIKKA, 1996, p. 139-141. A interpretação de Hintikka da controvérsia é uma exceção à supracitada generalização, de que defensores de Wittgenstein reforçaram as similaridades gerais entre o seu trabalho e o de Carnap, enquanto os defensores de Carnap apontaram as diferenças específicas. A interpretação de Hintikka da filosofia de Wittgenstein do início dos anos de 1930 é inusitadamente carnapiana, e dessa maneira ele encontra mais similaridades nos pontos específicos que os outros comentadores.

<sup>24</sup> No início dessa mesma carta, Wittgenstein alega que Carnap esqueceu-se de uma conversa na qual Waismann relatou a ele a concepção de Wittgenstein de definição ostensiva.

<sup>25</sup> Hintikka defende a alegação de Wittgenstein elaborando a analogia entre a lógica das sentenças protocolares de Carnap e o tratamento de Wittgenstein das proposições elementares por volta de 1929-1931, e observa que há uma “notável semelhança”, pois “para ambos, muitas proposições singulares... têm de ser confirmadas indiretamente, derivando-as de proposições diretamente verificáveis” (1996, p.141). Entretanto, pode-se bem responder que essa semelhança nada tem de notável. Ambos os filósofos respondiam à mesma dificuldade, que Ernst Tugendhat chamou de “simetria veritativa” e “assimetria epistemológica”: meu próprio relato de uma experiência e a tua atribuição a mim dessa experiência têm o mesmo valor-de-verdade, porém os fundamentos de nossas crenças são radicalmente diferentes.

<sup>26</sup> CARNAP, 1934, 16-20. A discussão de Black do trabalho de Wittgenstein no prefácio deve ter sido aprovada por Carnap, se não diretamente sugerida por ele e, como o material citado nas notas anterior e posterior, pode ser visto como uma resposta à crítica de Wittgenstein à falta de citação por Carnap no artigo original. Black lê o *Tractatus* como fenomenalista e contrasta-o com o fisicalismo de Carnap.

<sup>27</sup> Uma procura por “physicalism”, “physikalisch” e suas variantes não produz resultado algum na edição eletrônica de Bergen do *Nachlass* de Wittgenstein, que inclui não só os datiloscritos e manuscritos, nos quais todos os livros publicados estão baseados, mas também uma grande parte de trabalhos preparatórios. (WITTGENSTEIN, 2000; a correspondência citada aqui, na qual o termo aparece, é de um acervo distinto, WITTGENSTEIN, 2004).

<sup>28</sup> Wittgenstein diria posteriormente que “toda sentença do *Tractatus* deve ser vista como o título de um capítulo, necessitando de mais explanação”. DRURY, 1984, p.159-60. Porém, ele era extremamente relutante em oferecer essas explanações, mesmo em resposta aos pedidos explícitos de Russell, insistindo que isso era uma tarefa que deveria ser deixada para o leitor.

<sup>29</sup> Para mais discussão acerca da variedade de argumentos da linguagem privada em circulação naquele tempo, ver UEBEL, 1995, seção 7, onde ele argumenta que no início dos anos trinta, “*diferentes argumentos da linguagem privada estavam em jogo para fundamentar diferentes concepções de fisicalismo*” (p. 343, itálicos no original). De fato, Dejnozka (1991) argumenta que Russell já havia oferecido uma variedade de argumentos da linguagem privada.

<sup>30</sup> Para uma discussão mais detalhada do assunto, ver UEBEL, 1995. Uebel observa que a tentativa salomônica de McGuinness para resolver a disputa de prioridade, dividindo a responsabilidade pelo desenvolvimento do fisicalismo entre Wittgenstein, que “deu o impul-

so”, Neurath, que “proclamou a sua importância”, e Carnap, que “começou a executar os detalhes” (McGUINNESS, 2002, 196, publicado pela primeira vez em 1991) é insustentável, pois “a tese que eles buscaram promover não era uma, mas várias” (UEBEL, 1995, p.346).

<sup>31</sup> Isto é a apenas um rápido e vago resumo feito no modo material; uma exposição mais cuidadosa requereria o uso do modo formal de discurso. Note-se também que Carnap considerava o fisicalismo como uma tese empírica, enquanto Wittgenstein presumidamente o teria tratado como um assunto para elucidação filosófica.

### Referências bibliográficas

ALSTON, W. – NAKHNIKIAN, G. (eds.) 1963. *Readings in twentieth-century philosophy*. New York: Free Press of Glencoe.

ANSCOMBE, G.E.M. 1971. *An Introduction to Wittgenstein's Tractatus*. London: Hutchinson University Library.

AYER, A.J. 1936 *Language, truth, and logic*. New York: Oxford University Press.

BAKER, G. 1979. "Verehrung und Verkehrung: Waismann and Wittgenstein" in LUCKHARDT 1979, 243–285.

BAKER, G. 1988. *Wittgenstein, Frege, and the Vienna circle*. Oxford: Blackwell.

BILETZKI, A. 2003. *(Over)Interpreting Wittgenstein*. Kluwer, Dordrecht and London.

CARNAP, R. 1928/1967. *The Logical Structure of the World* (Berkeley: University of California Press.) *Der Logische Aufbau der welt* (Berlin, Germany: Bernary, 1928), tr. R. George.

\_\_\_\_\_, 1932. "Die physikalische Sprache als Universalsprache der Wissenschaft." *Erkenntnis*, 2: #5/6, 432–465. Traduzido para o inglês como CARNAP 1934, com algumas revisões e uma nova introdução do autor.

\_\_\_\_\_, 1934. *The Unity of Science*. Editado e traduzido por Max Black. London: Kegan Paul, Trench, Trubner. Reimpresso como CARNAP 1963.

\_\_\_\_\_, 1934/1937. *The logical syntax of language*. London: Routledge & Kegan Paul.

\_\_\_\_\_, 1935. *Philosophy and Logical Syntax*. London: Kegan Paul.

\_\_\_\_\_, 1963. "The Physical Language as the Universal Language of Science." Reimpressão de CARNAP 1934, in ALSTON, W. – NAKHNIKIAN, G. 1963., 393–424, com alterações e correções de Carnap.

CARTWRIGHT, N. (com Jordi Cat, Lola Fleck and Thomas Uebel) 1996. *Otto Neurath: philosophy between science and politics*. Ideas in context 38. Cambridge University Press, New York.

COFFA, A. 1985. "Idealism and the Aufbau." In *The Heritage of Logical Positivism*, ed. N. Rescher, p. 133–156. New York: University Press of America.

\_\_\_\_\_, 1991. *The Semantic Tradition from Kant to Carnap*, ed. Linda Wessels. Cambridge: Cambridge University Press.

CRARY, A. – READ, R. 2000. *The New Wittgenstein*, Routledge, New York.

DAVIDSON, D. 1970. "Mental Events". Reimpresso in DAVIDSON 1980, *Essays on Actions and Events*. Oxford: Oxford University Press.

DEJNOZKA, J. 1991. "Russell's Seventeen Private-Language Arguments." *Russell*, Summer 1991, 11–35.

DIAMOND, C. 2000. "Does Bismarck Have A Beetle in his Box? The Private Language Argument in the *Tractatus*." In CRARY, A. – READ, R. 2000, 262–292.

DRURY, M. O'C. 1984. "Recollections of Wittgenstein" in RHEES 1984.

EDMONDS, D. – EIDINOW, J. 2001. *Wittgenstein's Poker: the story of a ten-minute argument between two great philosophers*. London: Faber and Faber.

FRIEDMAN, M. 1987. "Carnap's *Aufbau* Reconsidered," *Nous* 21, p. 521–545. Reimpresso como capítulo 5 de FRIEDMAN 1999.

- \_\_\_\_\_, 1992. "Epistemology in the *Aufbau*", *Synthese* 93, p. 15-57. Reimpresso como o capítulo 6 de FRIEDMAN 1999.
- \_\_\_\_\_, 1997. "Carnap and Wittgenstein's *Tractatus*". In TAIT 1997, 19-36. Reimpresso como o capítulo 9 de FRIEDMAN 1999.
- \_\_\_\_\_, 1999. *Reconsidering Logical Positivism*. Cambridge: Cambridge University Press.
- GATES, G. 2001. "Physicalism, Empiricism, and Positivism." In *Physicalism and its Discontents* ed. Carl Gillett and Barry Loewer, p. 251-267.
- HACKER, P. 1996. *Wittgenstein's Place in Twentieth Century Analytic Philosophy*. Cambridge: Blackwell.
- HAHN, H. – NEURATH, O. – CARNAP, R. 1973. "The Scientific Conception of the World: the Vienna Circle" in NEURATH 1973, 299-318.
- HALLER, R. 1988. *Questions on Wittgenstein*. Nebraska: University of Nebraska Press.
- \_\_\_\_\_, 1988a. "Was Wittgenstein a Neopositivist?" In HALLER 1988, 27-43.
- \_\_\_\_\_, 1989. "Wittgenstein and Physicalism", *Critica* 21 no. 63, p. 17-32.
- \_\_\_\_\_, 1990. "Was Wittgenstein a Physicalist?" In HINTIKKA 1990, 68-81.
- \_\_\_\_\_, 1991. "History and the System of Science in Otto Neurath", in *Rediscovering the Forgotten Vienna Circle. Austrian Studies on Otto Neurath and the Vienna Circle*, ed. T. E. Uebel. Dordrecht: Kluwer.
- HALLER, R. – RUTTE, R. 1977. "Gespräch mit Heinrich Neider," *Conceptus* 28-30.
- HAMILTON, K. 2001a. "Wittgenstein and the Mind's Eye." in *Wittgenstein: Biography and Philosophy* p. 53-97. James C. Klagge (Ed.). Cambridge: Cambridge University Press.

\_\_\_\_\_, 2001b. "Some Philosophical Consequences of Wittgenstein's Aeronautical Research." *Perspectives on Science*, 9:1-37.

\_\_\_\_\_, 2002. "Darstellungen in the *Principles of Mechanics* and the *Tractatus*," *Perspectives on Science*, 10:28-68.

HIDE, Ø. 2004. "Wittgenstein's Books at the Bertrand Russell Archives and the Influence of Scientific Literature on Wittgenstein's Early Philosophy" *Philosophical Investigations*, volume 27 #1, 68-91.

HILMY, S. S. 1987. *The later Wittgenstein: the emergence of a new philosophical method*. New York: Blackwell.

HINTIKKA, M. B. – HINTIKKA, J. 1986. *Investigating Wittgenstein*. Oxford: Blackwell.

HINTIKKA, J. 1990. *Language, knowledge, and intentionality: perspectives on the philosophy of Jaakko Hintikka*. Leila Haaparanta, Martin Kusch, e Ikka Niiniluoto eds. *Acta philosophica Fennica* Vol. 49. Helsinki: Philosophical Society of Finland.

\_\_\_\_\_, 1996. "Ludwig's Apple Tree: Evidence Concerning the Philosophical Relations between Wittgenstein and the Vienna Circle", in *Ludwig Wittgenstein: Half-Truths and One-and-a-Half Truths (Selected Papers, Volume 1)*. Dordrecht: Kluwer.

HYMERS, M. 2005. "Going Around the Vienna Circle: Wittgenstein and Verification" *Philosophical Investigations* 28 #3 205-234.

JANIK, A. – VEIGL, H. 1998. *Wittgenstein in Vienna: a biographical excursion through the city and its history*. New York: Springer.

LAMPERT, T. 2003. "Psychophysical and Tractarian Analysis" *Perspectives on Science* vol 11 #3 285-317.

LUCKHARDT, C.G. (ed.) 1979. *Wittgenstein: Sources and Perspectives*. Hassocks.

MANNINEN, J. 2003. "Towards a Physicalistic Attitude." In Stadler 2003, 133-150.

McGUINNESS, B. 1988. *Wittgenstein: A Life. Young Ludwig, 1889-1921*. London: Duckworth.

\_\_\_\_\_, 2002. *Approaches to Wittgenstein: Collected Papers*. London: Routledge.

MENGER, K. 1994. *Reminiscences of the Vienna Circle and the Mathematical Colloquium*. Louise Golland, Brian McGuinness e Abe Sklar eds. Vienna Circle collection Vol. 20. Dordrecht: Kluwer.

MONK, R. 1990. *Ludwig Wittgenstein. The Duty of Genius*. New York: Viking Penguin.

NAGEL, E. 1961. *The Structure of Science*. New York: Harcourt, Brace, and World.

NEDO, M. – RANCHETTI, M. 1983. *Ludwig Wittgenstein. Sein Leben in Bildern und Texten*. Frankfurt: Suhrkamp.

NEURATH, O. 1931. "Physicalism: The Philosophy of the Vienna Circle", *The Monist*, 41 618-623. Reimpresso com pequenas correções in NEURATH 1982, 48-51.

\_\_\_\_\_, 1931a. "Physikalismus", *Scientia*, 50 297-303. Traduzido em NEURATH 1982, 52-57.

\_\_\_\_\_, 1931b. "Soziologie im Physikalismus", *Erkenntnis*, 2 393-431. Traduzido em NEURATH 1982, 58-90.

\_\_\_\_\_, 1932-33. "Protokollsätze", *Erkenntnis* 3 204-214. Traduzido como "Protocol Statements", in NEURATH 1982, 91-99.

\_\_\_\_\_, 1973. *Empiricism and sociology*. Robert S. Cohen e Marie Neurath eds., tradução de Paul Foulkes e Marie Neurath. Vienna Circle collection Vol. 1. Dordrecht: Reidel.

\_\_\_\_\_, 1982, *Philosophical papers, 1913-1946*. Edição e tradução de Robert S. Cohen e Marie Neurath. Vienna Circle collection Vol. 16. Dordrecht: Reidel.

NORDMANN, A. 2002. "Another New Wittgenstein: The Scientific and Engineering Background of the Tractatus." *Perspectives on Science* vol 10 #3 356-384.

PEARS, D. 1988. *The False Prison*, vol. 2. Oxford: Clarendon Press. p. 302, 316.

PITCHER, G. 1964. *The Philosophy of Wittgenstein*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall.

RHEES, R. (ed.) 1984. *Recollections of Wittgenstein* Oxford University Press, New York. Edição revisada, previamente publicado em 1981 como *Ludwig Wittgenstein: personal recollections* Blackwell, Oxford.

RICHARDSON, A. W. 1998. *Carnap's construction of the world: the Aufbau and the emergence of logical empiricism*. Cambridge: Cambridge University Press.

SCHILPP, P. A. 1963. *The philosophy of Rudolf Carnap*. Open Court, La Salle, IL.

SCHLICK, M. 1918/1974 *General Theory of Knowledge*. Open Court, La Salle, IL. Translation of *Allgemeine Erkenntnislehre* by AE Blumberg. Primeira edição: 1918. Berlin: Springer.

SIMONS, P. 2004. "Open and Closed Culture: A New Way to Divide Austrians." In *Phenomenology and Analysis: Essays on Central European Philosophy*, Chrudzimski e Humer eds., p. 11-32. Frankfurt: Ontos Verlag.

SMART, J.J.C. 1959. "Sensations and Brain Processes", reimpresso in D. Rosenthal (ed.), 1987, *Materialism and the Mind-Body Problem*. Hackett.

SLUGA, H. – STERN, D. (eds.) 1996. *The Cambridge Companion to Wittgenstein*. Cambridge University Press, Cambridge.

SPELT, P. D. M. – MCGUINNESS, B. 2001. "Marginalia in Wittgenstein's Copy of Lamb's *Hydrodynamics*." p. 131-147 in *From the Tractatus to the Tractatus and Other Essays*. Gianluigi Oliveri Liveri ed., vol. 2. *Wittgenstein Studien*. Frankfurt: Peter Lang.

STADLER, F. 1992. "Wittgenstein und der Wiener Kreis – zwischen Rezeption und Plagiat", in *Philosophie, Psychoanalyse, Emigration: Festschrift für Kurt Rudolf Fischer*, p.p. 398-414. Vienna: WUV Universitätsverlag.

\_\_\_\_\_, 2001. *The Vienna circle: studies in the origins, development, and influence of logical empiricism*. Vienna: Springer.

\_\_\_\_\_, 2003. *The Vienna Circle and logical empiricism: re-evaluation and future perspectives*. Vienna Circle Institute yearbook 10. Dordrecht: Kluwer.

STERN, D. G. 1995. *Wittgenstein on mind and language*. Oxford University Press, Oxford.

\_\_\_\_\_, 1996. "The availability of Wittgenstein's philosophy," in SLUGA, H. – STERN, D. 1996, 442-476.

\_\_\_\_\_, 1999. Review of Peter Hacker, Wittgenstein's Place in Twentieth Century Analytic Philosophy. *Philosophical Review*, 108:3 449-452.

\_\_\_\_\_, 2003a. "The Significance of Jewishness for Wittgenstein's Philosophy." *Inquiry* 43 (2000) 383-402.

\_\_\_\_\_, 2003b. "The Methods of the *Tractatus*: beyond positivism and metaphysics?" In *Logical Empiricism: Historical and Contemporary Perspectives*, a volume in the Pittsburgh-Konstanz Studies in the Philosophy and History of Science series, Paolo Parrini, Wes Salmon e Merrilee Salmon eds., 125-156. Pittsburgh, Pittsburgh University Press.

\_\_\_\_\_, 2004. *Wittgenstein's Philosophical Investigations: An Introduction*. Cambridge: Cambridge University Press.

\_\_\_\_\_, 2005. "How Many Wittgensteins?" In *Wittgenstein: The Philosopher and his Works*, Alois Pichler e Simo Sätelä eds., p. 164-188. Working Papers from the Wittgenstein Archives at the University of Bergen no. 17. Bergen: Wittgenstein Archives at the University of Bergen.

STERRETT, S. 2002. "Physical Pictures: Engineering Models circa 1914 and in Wittgenstein's *Tractatus*." p. 121-135 in *History of Philosophy of Science: New Trends and Perspectives*. Michael Heidelberger e Friedrich Stadler eds. Dordrecht: Kluwer.

STOLJAR, D. 2005. "Physicalism", *The Stanford Encyclopedia of Philosophy* (Winter 2005 Edition), Edward N. Zalta (ed.), no prelo, URL = <http://plato.stanford.edu/archives/win2005/entries/physicalism/>.

SUPPE, F. 1977. *The Structure of scientific theories*. 2d ed. Urbana: University of Illinois Press.

TAIT, W.W. (ed.) 1997. *Early analytic philosophy: Frege, Russell, Wittgenstein: essays in honor of Leonard Linsky*. Chicago, Ill.: Open Court.

UEBEL, T. 1995. "Physicalism in Wittgenstein and the Vienna Circle." In *Physics, philosophy, and the scientific community* ed. Kostas Gavroglu et. al. Dordrecht: Kluwer.

WAISMANN, F. 1967. *Wittgenstein and the Vienna Circle. Conversations Recorded*. Ed. B. McGuinness, tr. J. Schulte and B. McGuinness. Oxford: Blackwell. Publicado em inglês com a mesma paginação: 1979.

\_\_\_\_\_, 1997. *The principles of linguistic philosophy*. 2ª edição; primeira edição: 1965. Basingstoke, Hampshire: Macmillan.

WITTGENSTEIN, L. 1922. *Tractatus Logico-Philosophicus*, texto com tradução de C. K. Ogden. Routledge and Kegan Paul, London. Segunda edição: 1933.

\_\_\_\_\_, 1953. *Philosophical Investigations*, Ed. G. E. M. Anscombe and R. Rhees, texto com tradução de G. E. M. Anscombe. Blackwell, Oxford. Segunda edição, 1958. Edição revisada, 2001.

\_\_\_\_\_, 1958. *The Blue and Brown Books. Preliminary studies for the "Philosophical investigations"*. As referências são ao *Blue Book* ou ao *Brown Book*. Segunda edição, 1969. Blackwell, Oxford.

\_\_\_\_\_, 1964. *Philosophical Remarks*, publicado primeiramente como *Philosophische Bemerkungen*, texto em alemão somente, ed. R. Rhees, Blackwell, Oxford. Segunda edição, 1975, trad. R. Hargraves e R. White, Blackwell, Oxford.

\_\_\_\_\_, 1993. *Philosophical Occasions*, ed. James Klagge e Alfred Nordmann. Hackett, Indianapolis.

\_\_\_\_\_, 2000. *Wittgenstein's Nachlass: The Bergen Electronic Edition*. Oxford University Press, Oxford.

\_\_\_\_\_, 2004. *Briefwechsel Innsbrucker elektronische Ausgabe*. Ed. Monika Seekircher, Brian McGuinness, e Anton Unterkircher. Intelext Past Masters.

\_\_\_\_\_, 2005. *The Big Typescript*, ed. C. G. Luckhardt, com tradução. Blackwell, Oxford.

WITTGENSTEIN, L. – WAISMANN, F. 2003. *The Voices of Wittgenstein: The Vienna Circle*, ed. Gordon Baker, tr. Baker et al. London: Routledge.